

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO V – GESTÃO E DOCÊNCIA NO ENSINO NORMAL
MÉDIO / MAGISTÉRIO ¹**

Marcelo Soares²

Suelen Bourscheid³

Kurlan Frey⁴

Resumo: O presente artigo tem por objetivo explicar as experiências vivenciadas através da prática docente no Estágio Supervisionado V – Gestão e Docência no Ensino Normal Médio/Magistério. Abordar elementos pertinentes ligados com o conceito de educação e a sua importância e correlação na prática docente. Bem como, trazer à tona características de metodologias ativas, estas que prezam o pleno desenvolvimento do educando e que são fundamentais para o zelo e a eficácia de uma boa educação básica. Elenca-se a temática da nossa prática docente: a contação de histórias. Sua importância está pautada nos diversos elementos que são trabalhados no processo de ensino e aprendizagem dos educandos e assim como os benefícios para o educador, sua evolução profissional e pessoal. Ainda, ressaltar o uso de técnicas pertinentes para uma boa contação de histórias, no caso utilizado na prática docente do estágio, a contação de histórias com fantoches confeccionados com meias. Finda-se com a análise da prática docente do estágio e uma pequena contribuição acerca da importância de entender o educador como ser um ser ativo e reflexivo perante sua prática docente.

Palavras-chave: estágio supervisionado; prática docente; magistério, métodos ativos; contação de histórias.

INTRODUÇÃO

No cenário atual da educação, percebe-se uma fragmentação no ensino e um desfalque no sentido de apropriação efetiva de aprendizagens, habilidades e competências. Luta-se por uma educação de qualidade e adere-se ao uso de métodos ativos e considerados eficientes para um bom processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Portanto, o objetivo desse artigo está pautado em explicar as vivências e experiências do Estágio Supervisionado V – Gestão e Docência no Ensino Normal Médio/Magistério que em sua fundamentação teórica está

¹ Artigo produzido na disciplina de Estágio Supervisionado V – Gestão e Docência do Ensino Normal Médio no ano de 2019/2.

² Acadêmico do 8º semestre do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI – UCEFF Itapiranga. E-mail: mar_gremio1@hotmail.com

³ Acadêmica do 8º semestre do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI – UCEFF Itapiranga. E-mail: bourscheid_suelen@outlook.com

⁴ Professor Orientador da disciplina de Estágio Supervisionado V – Gestão e Docência do Ensino Normal Médio do Centro Universitário FAI – UCEFF Itapiranga. E-mail: kurlanfrey@gmail.com

alicerçado aos princípios de uma educação de qualidade, às metodologias ativas e a contação história, uma técnica considerada essencial e fundamental na prática docente de qualquer educador.

Dessa maneira, o primeiro capítulo desse artigo é intitulado “Conceituando educação e sua relação com as metodologias ativas” que preza por explicar o significado/conceito da palavra “educação” e relacionar seu significado na prática e na realidade do cenário educacional.

Após essa abordagem, faz-se uma reflexão sobre o ensino médio e a relação com o magistério no capítulo intitulado “Uma perspectiva sobre o ensino normal médio e o magistério”. Com o alicerce dos marcos legais, pretende-se lançar alguns elementos para compreender a estrutura do ensino médio atualmente e fazer uma comparação com o magistério, ressaltando sua pertinência e relevância para o futuro educador.

O terceiro capítulo desse artigo é intitulado “Técnica de contação de histórias – o papel do professor incentivador da leitura”. Desenvolve-se um estudo ligado ao processo de contação de histórias, vista sua importância já designada há muito tempo, onde percebe-se a influência e evolução significativa dos educandos que vivenciam esse momento lúdico de contar e ouvir histórias. Ainda, elenca-se algumas técnicas que podem ser utilizadas e adaptadas para o ato de contar histórias. Na prática do estágio, abordou-se a técnica dos fantoches com meia.

Finda-se com o capítulo “Análise da prática docente”. Esse capítulo explana as experiências e vivências da prática docente do estágio, seus pontos positivos e pontos de reflexão e análise.

1. CONCEITUANDO EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

1.2 CONCEITUANDO EDUCAÇÃO

A educação ao longo da história da humanidade, vem sofrendo inúmeras transformações. E para buscar compreender como essas transformações influenciam a vida dos indivíduos da sociedade, os olhares devem voltar-se à história, as consequências de agora são resultados dos acontecimentos do passado.

Nessa perspectiva, um dos filósofos mais importantes para a evolução da educação em um âmbito global, Sócrates (470-339 a.c apud PILETTI e PILETTI, 1996) tinha como ideia que a primeira obrigação de qualquer indivíduo, era procurar conhecer a si mesmo.

Dessa maneira Sócrates (470-339 a.c apud PILETTI e PILETTI, 1996) deixou importantes contribuições para a educação, entre elas:

- O conhecimento tem um valor prático e também um valor moral;
- O processo de obtenção do conhecimento se dá por meio à conversação;
- A educação proporciona que os indivíduos desenvolvam a capacidade de pensar e não apenas a assimilação de conhecimentos.

Vygotsky (1984 apud FREITAS, 1995) diz que a aprendizagem antecede a educação escolar, ou seja, a aprendizagem e o desenvolvimento inicia-se após o nascimento do indivíduo. A aprendizagem escolar não deve considerar os sujeitos como uma tabula rasa, um ser que não sabe nada, pois antes da vida escolar a criança experiência inúmeras coisas, adquire a habilidade da fala, identifica objetos, dialoga com os adultos, consegue realizar uma leitura do seu meio através das interações que teve.

Rousseau (apud PILETTI e PILETTI, 1996, p. 91-92) segue a mesma linha de pensamento sobre a educação e traz a simplificação do processo educativo: “A educação deve ser tão simples quanto é simples a natureza: que a Geografia seja aprendida nos bosques e campos, pelo estudo dos rios, da chuva, da mudança da temperatura.”

Muitos pensadores da educação convergem e idealizam uma educação pautada no ser, como Morin (2013) que objetiva uma educação com relação a condição humana, nas pluralidades das diferentes linguagens. Para Piletti e Piletti (1996) a educação deve oportunizar o aluno como o centro do processo ensino aprendizagem, ou seja, a educação deve ser algo significativo ao aluno, no qual, o aluno tenha autonomia, pergunte, exponha suas inquietações, participe, interaja e produza o seu conhecimento. E o professor será apenas o mediador do conhecimento.

Para Freitas (1995) o processo educacional é complexo, e por este fato a educação deve buscar respostas nas diferentes áreas do conhecimento. Pois o ser humano deve concebido na sua pluralidade e para que haja um entendimento do ser humano, e com isso a educação deve ser indagada nas diferentes áreas do conhecimento, como também da compreensão do específico, as particularidades do ser.

A educação dever ser vista e praticada como Paulo Freire (1992, p.104) via: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. ”

2.1 A AÇÃO EDUCATIVA POR INTERMÉDIO DAS METODOLOGIAS ATIVAS

O ambiente escolar está recebendo sujeitos com novos aprendizados e com grandes expectativas para aprender muito mais do que está sendo ensinado. “As demandas sociais exigem do docente uma nova postura e [...] uma nova relação entre este e o conhecimento, uma vez que cabe a ele, [...], a condução desse processo” (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 2).

De acordo com Antunes (2002) não existe apenas uma maneira de ensinar e muito menos de aprender. Por isso, Maigne (apud PILETTI e PILETTI, 1996, p. 67) reprova os professores “que consideram seus alunos como sujeitos passivos aos quais se tenha que transmitir os conhecimentos como “ideias já feitas”. Maigne, afirma, ainda que o ideal educativo, é aquela ação que vise o homem para o mundo, formando e criando meios para formar sujeitos completos de corpo e alma, ou seja, desenvolvimento pleno do ser.

Para Piletti e Piletti (1996) métodos ativos é um processo que o aluno está no centro do processo ensino/aprendizagem, no qual o aluno não é um mero expectador, mas tem uma participação ativa, experimenta, pesquisa e tem autonomia na busca por respostas das suas inquietações, é um sujeito que constrói o seu conhecimento. E o professor é o mediador desse processo, propondo indagações que levem o estudante a busca de novos saberes.

Para Berbel (2011, p. 7) as metodologias ativas são as maneiras “[...] de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos”.

Diante disso, os princípios das metodologias ativas de aprendizagem objetivam a práxis docente como aquela que favoreça aos educandos atividades de ouvir, ver, perguntar, discutir, fazer e ensinar, a partir disso, a prática de ensino está no caminho da aprendizagem ativa, e assim, o aluno estará sendo estimulado a construir o seu conhecimento e não somente receber de maneira passiva do educador. (SILBERMAN 1996 apud BARBOSA e MOURA, 2013).

Segundo Barbosa e Moura (2013) para facilitar o processo de aprendizagem, o educador deve se colocar em um ambiente de aprendizagem ativa como, orientador, supervisor e um facilitador do processo de ensino aprendizagem, e não se colocar como a única fonte de

conhecimento e de informações. Um ambiente de aprendizagem ativa, é a atitude ativa da inteligência, que possibilitem a interação do aluno/ambiente/aprendizagem.

2. UMA PERSPECTIVA SOBRE O ENSINO NORMAL MÉDIO E O MAGISTÉRIO

2.1 O ENSINO NORMAL MÉDIO

O cenário atual que se refere ao Ensino Médio no Brasil, tem exigido um olhar mais atento pela complexidade na estruturação de políticas públicas. Por ser a etapa intermediária entre o Ensino Fundamental e o Ensino Superior, existe uma grande dificuldade de atender as necessidades e às expectativas desses adolescentes e jovens.

Com alicerce da Constituição Federativa Brasileira de 1988, em seu Art. 205 é possível assegurar que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Assim sendo a educação como um direito de todos os cidadãos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica situa o Ensino Médio como a etapa final da Educação Básica. Define-a como a conclusão de um período de escolarização de caráter geral. Trata-se de reconhecê-lo como parte de uma etapa da escolarização que tem por finalidade o desenvolvimento do indivíduo, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, fornecendo-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

No Art. 35 da Lei 9394/96, situa o Ensino Médio como:

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina

Dessa forma, vê-se o Ensino Médio como uma porta de entrada para a vida adulta. Adolescentes e jovens nessa fase se encontram angustiados com o seu futuro, indecisos sobre qual profissão seguir, qual graduação buscar. O Ensino Médio, com o auxílio dos educadores é uma boa oportunidade para que os educandos se situem, percebam e sintam o que mais lhe agrada, o que mais os conforta e os assegura para a vida pós esse período.

É perceber o Ensino Médio como uma formação com base unitária, que implica em perceber as diversidades do mundo moderno, no sentido de se promover aos jovens e adolescentes, à capacidade de pensar, refletir, compreender e agir sobre as determinações da vida social que os cerca – que articule trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana, de forma igualitária a todos os cidadãos (BRASIL, 2009).

2.2 O ENSINO MÉDIO MAGISTÉRIO

A palavra magistério vem do latim *magíster* e este, por sua vez, do advérbio *magis*, que significa 'mais' ou 'mais que' refere-se ao professor, ao mestre, aquele que ensina, que dirige, que está acima dos restantes, pelos seus conhecimentos e habilitações. No Brasil a capacitação para o Magistério era obtida durante o segundo grau. Até o ano de 2012 os docentes que obtiveram o magistério no nível médio, ou seja, no antigo curso, puderam cumprir a profissão para estudantes de Educação Infantil e para a primeira parte do Ensino Fundamental.

Em relação as perspectivas do curso de magistério, já consta na LDB (1996) que:

São consideradas funções de magistério as exercidas por professores e especialistas em educação no desempenho de atividades educativas, quando exercidas em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico.

A rede estadual de ensino de Santa Catarina empenha-se em garantir o acesso à esta etapa da educação básica, considerando que “o Ensino Médio é um direito social de cada pessoa, e dever do Estado na sua oferta pública e gratuita a todos” (Resolução nº 2, de 30 de janeiro 2012). Assim, a SED estipula diversos programas e cursos de formação durante o Ensino Médio, dentre esses podemos destacar o Magistério.

Portanto, pode-se compreender que o Magistério é o passo inicial para quem deseja seguir sua vida profissional ligada à educação. O trabalho de um educador deve estar estritamente ligado com a educação. A prática social do professor se simplifica como um

mediador de conhecimentos, a partir de metodologias ativas inovadoras. Para tanto é necessário que esse estude, se interesse em aprimorar e difundir seus conhecimentos, se aperfeiçoe e estude sempre, para buscar o melhor de si e de seus educandos.

3. TÉCNICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – O PAPEL DO PROFESSOR INCENTIVADOR DE LEITURA

Tão bem afirma Busatto (2003, p. 09) a relevância de um contador de histórias, que este deve “emprestar seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado”. A contação de histórias, tanto para o educando como para o professor, se tornam momentos significativos e marcantes, capazes de mediar diversos conhecimentos e lições a partir da história.

Nesse sentido, ao pensar em desenvolver uma oficina de contação de histórias e ainda, a confecção dos fantoches, se pretende oportunizar novas vivências, mediar novos conhecimentos, afim de compreender o quão importante e significativo será contribuir na formação dos alunos do curso de magistério. Pois “contar histórias é uma arte” enfatiza Coelho (1989, p. 50) complementando a importância e a relevância de um contador de histórias em sala de aula.

É preciso levar em consideração de que as histórias são ferramentas indispensáveis ao processo de ensino e aprendizagem do educando, bem como, uma metodologia aliada ao trabalho do professor. As histórias podem nos mostrar realidades de épocas distintas, de fazer pensar sobre as relações humanas, e ser usada como técnica para trabalhar inúmeros assuntos. Ainda, conhecer outros lugares, conhecer outras culturas, viajar em novas experiências.

Correlacionado a essa temática, Coelho (1989, p. 52) propõe que “a literatura infantil portadora de verdades eternas, reflete a esperança em sua gentileza, reflete a força irresistível da confiança que provoca em cada ser a descoberta de sua própria força”. Para tanto, a história tem um papel significativo, ela contribui, enriquece, ensina e auxilia a lidar com situações delicadas, ensinam as crianças a superarem medos, traumas ou dificuldades. Esses, são alguns dos motivos primordiais e essenciais para os professores contem histórias para as crianças.

Ainda, Busatto (2003, p. 37) relata que “o conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano”. A autora foge do contexto da importância da contação de histórias apenas como um momento lúdico, mas um momento que possa possibilitar e valorizar diferenças entre grupos étnicos,

culturais e religiosos, introduzir alguns conceitos étnicos. A pertinência dessa valorização cultural através de um conto infantil.

Ademais, é constatada a importância da contação de histórias, esta que deve ser vista como uma fonte de prazer para a criança, adolescentes e jovens. Uma história ainda, oferece subsídios pertinentes para o desenvolvimento do processo de aprendizagens das crianças. Coelho (1989) e Busatto (2003) abordam algumas temáticas e cuidados essenciais que devem ser levados em consideração no momento de praticar a arte de contar histórias.

Coelho (1989, p.13) reforça uma ideia importante:

O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o imprevisto em técnica, fundir a teoria à prática.

A autora pretende informar que a contação de histórias deve ser feita com naturalidade, mas não pode ser levada como uma simplicidade. Ou seja, é necessário que se tenha uma intencionalidade pedagógica com a história, se tenha técnicas, subsídios para o momento se tornar significativo e que ainda se exerça um momento de reflexão.

Conta-se histórias para buscar formar bons leitores, para estimular o imaginário, para conhecer outros lugares, para se sentir vivo. É dessa maneira que Busatto (2003) enfatiza que uma das principais características de um bom contador de histórias é de que essa prática seja feita com o coração. É se doar para aquele momento com prazer e boa vontade.

Além desse, outros recursos são pertinentes e válidos para serem observados numa contação de história. Coelho (1989, p. 31) destaca que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”. Conhecendo a história, seu contexto, pode-se adaptar a qualquer técnica, ou até mesmo, explorar uma metodologia que melhor encaixe para tal contexto da história.

Três vias são vistas como as mais pertinentes como referência ao contar histórias: ritmo, intenção e imagens, segundo Busatto (2003). Em relação as técnicas, Coelho (1989) faz referência a algumas. Antes de tudo, o contar requer ter certa tendência inata para o ato. Deve haver uma predisposição, entusiasmo, interesse em estar fazendo parte daquele momento. Porém, um pequeno detalhe é ressaltado pela autora. O contador da história precisa estar consciente de que a história é que é a importante. Ele é apenas o contador, conta e enfatiza o que acontece na história.

Para tanto, é através dessa sintonia com o público, que ao contar histórias, o professor precisa sempre instigar o aluno à reflexão, fazê-lo pensar, problematizar situações intrinsecamente alicerçadas e interacionadas. Somente assim, o aluno fará descobertas e construirá aprendizagem. Vygotsky (1999, p. 117) ressalta:

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança.

Os professores devem criar dentro de cada sala de aula uma atmosfera positiva, uma forma de vida que conduza o aluno ao encontro da leitura através do afeto positivo. Os professores positivos são realísticos, mas sempre procuram o melhor em seus alunos. Esses profissionais são professores competentes, em constante busca para aprimorar suas habilidades. Eles percebem que o afeto positivo, justamente com um alto nível de capacidade de ensino, promove o máximo desempenho de seus alunos. (CRAMER, 2001)

4. ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE

O Estágio Supervisionado V – Gestão e Docência no Ensino Normal Médio/Magistério, foi realizado na turma - 46, da Escola de Educação Básica São Vicente, localizada no centro de Itapiranga – SC. Na noite da observação e da prática docente (terça-feira) as aulas são ministradas pelas professoras Janice Buche Kaiser e Cecília Kummer com as disciplinas de Didática nos Anos Iniciais e Língua Portuguesa, respectivamente. A turma é composta por 07 alunas.

O estágio tem grande importância na formação do docente. Assim como propõe Pimenta e Lima (2010) o estágio com seus fundamentos teóricos e práticos, é um espaço que possibilita diálogos e lições para descobrir novos caminhos, superar obstáculos para construir uma didática mais significativa, que possibilite melhorar a aprendizagem das alunas.

Na observação, pode-se perceber a necessidade/importância de desenvolver uma atividade interativa, prática, que envolvesse todos os alunos e conseqüentemente, produzissem materiais que auxiliarão em sua futura prática docente.

O projeto teve seu início a partir da conversa com as professoras mediadoras da noite e chegou-se à conclusão de que a temática abordada na oficina seria sobre contação de histórias

e conseqüentemente, confecção de fantoches. Visto isso, é perceptível a importância da contação de histórias para o processo de ensino aprendizagem dos educandos. Bem como, uma ferramenta aliada à prática pedagógica do educador. Sisto (2007, p. 40) abertamente expõe e cativa a compreender a importância do contar histórias, tanto para o educando como o educador:

[...] Maior tem sido a maneira como o contar histórias tem aberto caminho nesses novos tempos de vida tumultuada mente urbana, overdose de mídia eletrônica e pressa das linguagens vídeo-clipes. Maior será sempre essa soma pessoal e social que o contar proporciona, cada vez que uma biblioteca se abre para a hora do conto e a literatura viva como projeto e não como evento, que um professor conta histórias na sua sala de aula, sem preocupações didáticas, que os teatros ou outros espaços permitem ocupações menos espetaculares, que uma família se reúne para simplesmente trocar histórias. Prefiro pensar que o contar é arte para ver, ouvir, sentir; arte para um fazer coletivo; arte para ser. De uma coisa estou certo, contar histórias emancipa tanto quem conta, quanto quem ouve. O sujeito ouvinte, e o sujeito leitor.

O planejamento da prática docente foi desenvolvido a partir da metodologia de oficinas, baseado em uma temática a escolha, nesse caso a contação de histórias e a confecção de fantoches. Utilizar das oficinas como metodologia de ensino é dinamizar a aprendizagem, no sentido de torna-la ainda mais significativa. Para Schulz apud Viera e Volquind (2002, p. 11) a oficina se caracteriza como sendo “um sistema de ensino-aprendizagem que abre novas possibilidades quanto à troca de relações, funções, papéis entre educadores e educandos”. Portanto, aderir às oficinas de ensino pode ser considerado um meio de articular e integrar saberes.

As oficinas pedagógicas possibilitam uma estimulação ao saber, ao criar e recriar situações de aprendizagem, materiais, ferramentas e conhecimentos, alicerçado na relação do sujeito com o objeto de estudo em questão. A oficina foi elaborada para ser desenvolvida num período de 4 horas, abordando a temática do projeto: “Contando e Encantando através da Oficina de Fantoches”. Tinha-se como principal objetivo explorar as habilidades e competências por meio da convivência, além de explorar o imaginário desenvolvendo a criatividade. Ainda, um momento de identificar possíveis dúvidas relativas à contação de história, do mesmo modo que foram ofertadas técnicas, métodos e diversos instrumentos que auxiliam para a realização dessa prática.

O projeto possuía por objetivo geral “Desenvolver habilidades relativas a arte da contação de histórias alicerçada na técnica de confecção de fantoches com meia”. Para tanto, a noite foi iniciada com desejos de bons trabalhos e para tal foi desenvolvida uma dinâmica com balões como momento de acolhida. Essa atividade objetivou-se especificamente em explorar a

interação com os colegas, envolvimento e companheirismo. Consistiu em uma atividade que envolvesse e explorasse a coletividade, a cooperação e que as alunas pudessem perceber que todas juntas formam um grupo forte, unido e capaz de vencer os obstáculos no caminho.

Com essa atividade, pode-se perceber alguns medos e timidez por parte de algumas alunas, por se sentirem retraídas para participar das atividades. Porém, o que não influenciou para alcançar o objetivo da dinâmica.

Em seguida, foi realizada uma conceituação para situar as alunas do que seria trabalhado naquele momento. Dentre os itens trabalhados nessa fundamentação teórica, podemos citar alguns itens que são considerados pertinentes para um bom educador se situar na sua prática docente: conceito de educação, metodologias ativas, técnicas e a importância da contação de histórias. Consistiu num momento rico de troca de informações, de conhecimentos e aprendizagens, visto que as alunas participaram fluentemente no diálogo, tornando o momento ainda mais leve, prático e enriquecedor.

Na sequência da oficina, inicia-se a abordagem da temática principal da noite: contação de histórias e as técnicas utilizadas para tal. Após uma contação de histórias com os fantoches de meia feito por nós acadêmicos para as alunas, percebe-se ainda mais o interesse por parte das educandas para ingressar nessa temática. Além do prazer e do divertimento proporcionado pelas histórias, de acordo com Abramovich (2005) é importante ouvir histórias, escutá-las, para criar um caminho de aprendizagens e influências para se tornar um bom leitor, um caminho de descoberta e compreensão do mundo. Tal momento, pode ser elucidado na imagem a seguir.

Imagem 1 - Contação da história



Fonte: arquivo próprio dos autores, 2019.

Em seguida a atividade referenciada na imagem acima, cedeu-se tempo para a produção/confecção dos fantoches de meia. Para esse momento, disponibilizou-se todos os

materiais necessários para a atividade e auxílio para a confecção. Percebe-se que entre as alunas também se emanou um espírito de cooperação e coletividade, auxiliando uma a outra no que fosse necessário. Um momento de descontração, porém enriquecedor de aprendizagens. Para completar esse momento, assim que finalizados os fantoches, oportunizou-se uma vivência das alunas contarem uma história com os fantoches confeccionados. Para exemplificar este momento de confecção, a imagem 2 possibilitada uma noção de como se sucedeu o momento.

Imagem 2 - Confeção de fantoches com meia



Fonte: arquivo próprio dos autores, 2019.

A proposta da prática é tornar a atividade pedagógica um instrumento de diálogo do professor-contador de histórias com a criança, a fim de despertar a mente para a leitura e incentivá-la a explorar mundos diferentes dos quais ela está habituada, tanto reais como imaginários. O principal objetivo dessa atividade é auxiliar o educador em sua prática docente, para assim permitir a aproximação da criança com outros contextos, com outras pessoas e ideias, favorecendo um ambiente de possibilidades para ouvintes/leitores, tornando-os exploradores de um universo que envolve a criatividade e a imaginação.

A oficina finda-se com a avaliação da noite por parte das alunas. Estas, ganharam três post-its de cores diferentes. Nestes, deveriam colocar seus apontamentos e avaliações da noite, como “que bom”, “que pena,” e “que tal”, apontando os pontos positivos, negativos e quais seriam sugestões para aprimorar a atividade, respectivamente. Ainda, poderiam se avaliar como alunas, pessoas participantes da oficina. A partir dessa atividade, percebeu-se que foram poucos os pontos a serem aprimorados, muitos pontos positivos, destacando a oficina como uma atividade alegre, prática, envolvente e geradora de conhecimentos e aprendizagens. Além disso, a atividade proporcionou reflexão sobre nossa prática docente. Na visão de Shön (2000) e com as contribuições de Perrenoud (2002) apontam alguns sentidos da reflexão necessários ao profissional reflexivo: a reflexão-na-ação, a reflexão sobre-a ação e a reflexão-sobre-a-reflexão-

na-ação, visando compreender o que seriam esses movimentos que segundo o autor, permeiam a concepção do professor como um profissional reflexivo. A reflexão sobre a prática docente deve acontecer durante todo o processo da ação da práxis, antes, durante e depois.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para buscar sintetizar o aprendizado, que fora obtido desde a observação até análise da prática docente, é possível dizer que o empenho e a dedicação no planejamento das atividades é fundamental para se ter êxito nos objetivos traçados, bem como estar alicerçado a uma metodologia ativa, ou seja, que possibilite o aluno ficar no centro do processo de ensino aprendizagem. Tornando assim, uma aprendizagem significativa tanto ao aluno, como ao professor, pois, o aluno aprende pela prática e o professor aprende mediando o conhecimento.

Dessa forma, o estágio possibilitou que nós acadêmicos tenhamos uma visão e a percepção da situação real do que é ser professor, com seus desafios e seus benefícios.

O projeto “Contando e Encantando através da Oficina de Fantoques” foi além dos seus objetivos traçados, no qual, o envolvimento foi pleno, as ações planejadas foram exploradas ao máximo, mesmo com o pouco tempo que se tinha. Mas que as alunas e nós como mediadores, conseguimos tornar o pouco tempo em algo precioso, com muito aprendizado e envolvimento do desenvolvimento das atividades.

Compreendendo a suma importância da arte de contar histórias, seja ela para crianças, jovens ou adultos, sendo ou não com uma ação pedagógica. Essa arte, possibilita que nós saímos do mundo físico e realizamos uma viagem a muitos outros mundos, criados pela nossa imaginação, contar histórias faz com que se crie laços sociais em um curto tempo, pois esta ação faz com nós, nos conectamos com nós mesmos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2005.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARBOSA, Eduardo Fernandes e MOURA, Dácio Guimarães de. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica**. B. Tec. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/349>. Acesso em: 10/09/2019.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326/10999>. Acesso em: 10/09/2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em 04 de agosto de 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 04 de agosto de 2019.

BRASIL. **Ensino Médio Inovador**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e orientações curricular para a Educação Básica. Coordenação geral de Ensino Médio, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ensino_medioinovador.pdf Acesso em 04 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm Acesso em 04 de agosto de 2019.

BUSATTO, Cléo. **Conta e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática S.A., 1989.

CRAMER, Eugene. **Incentivando o amor pela leitura**. trad. Maria Cristina Monteiro. 1 e.d. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. 2017. Disponível em: Acesso em: 3/05/2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 21^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin**. Psicologia e Educação: um intertexto. 2^a ed. São Paulo, Editora Ática, 1995.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os setes saberes e outros ensaios. Maria da Conceição de Almeida e Edgard de Assis Carvalho, (Orgs). 6^a ed. São Paulo: Cortez, 2013.
PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor**: Profissionalização e Razão Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. **História da Educação**. 5^a ed. São Paulo, Editora Ática, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SED. **Secretaria de Estado da Educação**. Governo de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/servicos/etapas-e-modalidades-de-ensino/29-modalidade-deensino/29102-ensino-medio-2> Acesso em 04 de agosto de 2019.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê?** Como. 4^a Ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.